

A METAFÍSICA NA LEITURA

JOÃO ALVES PEREIRA

(Do Centro Cultural Euclides da Cunha)

Bem aproveitada é a pesquisa em que se dedica o leitor de trabalhos literários, de autores consagrados, para aferir do sentido que orientou tais escritores, procurando ali se há um motivo de ordem filosófica, uma tese a ser equacionada, ou se trata de obra velejada pelos ventos de pura inspiração.

Assim, é interessante sondar o pensamento de um escritor através de seus trabalhos. O grande Jimenez de Asúa, penalista mundialmente conhecido, em memoráveis conferências na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, analisando a obra de diversos autores, demonstrou, de maneira eloquente, como "o delinquente na literatura" passa por todas as fases da emoção e que, naquelas páginas, a figura central só tem alívio na sua aflição depois do fato consumado, seja o ilícito de menor ou maior gravidade. Naturalmente, Jimenez de Asúa converteu aqueles trabalhos, que analisou, em maior soma de elementos para sua cátedra e a filosofia do direito.

Na metafísica, a literatura supõe motivo de inspiração. Decerto que lhe falta o elemento material, e depois a metafísica pretende ser uma disciplina em busca da razão e a causa.

Entretanto, com toda sua sutileza, o campo da metafísica é amplo na literatura. Autores antigos e modernos, no passado e no presente, legaram à coletividade intelectual trabalhos notáveis, dignos da produção literária universal, indiferentes ao conceito de metafísica, na definição de Augusto Comte, de que "toda proposição que não é redutível à simples enunciação de um fato particular ou geral não poderá oferecer nenhum sentido real e inteligível".

Descortinemos alguns desses escritores. Sondemos o que inspirou algumas cenas descritas em páginas de seus livros, vivendo fatos completamente fora do concreto e do real. Começemos pelo clássico Homero. A inspiração da cena passada no "País dos Mortos", um dos capítulos da "Odisséia", quando Ulisses fala com sua mãe, pedindo notícias da pátria distante, teria como razão simplesmente obter esta resposta? — "Meu querido filho, como veio parar no Hades? Que loucura ter feito isso! Dificilmente os mortais vêm até aqui, porque além de mil obstáculos perigosos, quando chegam têm que enfrentar o terror das almas que aparecem! Você anda errante ou já foi a Ítaca depois de terminada a guerra de Tróia? Viu Penélope e seu filho Telêmaco?"

Depois do trecho de Homero acima citado, outro escritor, também da antiguidade, M. Tullio Cícero, no seu trabalho "Sonho de Scipião", descreve o diálogo, mantido em sonho, entre P. Cornélio Scipião e Scipião Africano, este já falecido. Há o que indagar dos motivos que inspirou este diálogo: diz Africano "...Deus que rege este universo, maior do que essas reuniões de homens, aliados entre si pelo direito, as quais se chamam nações: os que as dirigem e conservam, d'aqui partem e para aqui voltam". Depois pergunta Scipião por seu pai. Assim que o vê lhe fala: "Bom e santo pae, pois que esta é a vida, como oíço dizer a Africano, porque me deter no mundo?". Ao que lhe responde seu pai: "Assim não é. Enquanto esse Deus, cujo tempo é tudo o que tens ante os olhos, não te libertar dos vínculos da matéria, esta mansão não se poderá abrir para ti".

Também, uma das glórias da prosa seicentista, o Pe. Manuel Bernardes, na sua obra "Nova Floresta", apresenta sob o título "Como passa o tempo...", uma página plena de doçura, inspirada no salmo que diz: "Mil anos à vista de Deus são como o dia de ontem, que já passou",

no qual trabalho sonha, despreocupado da realidade, o que supõe medida do tempo na eternidade.

Mais um autor, nesta busca de histórias de fundo irreal, completará esta síntese sobre a metafísica na literatura.

Agora é um trabalho de Charles Dickens, uma das glórias da prosa inglesa. Trata-se de um de seus contos, intitulado "O Espectro", incluído nas "Obras Primas do Conto Universal". O enredo gira em torno do conhecimento travado com um vigilante de um túnel de uma ferrovia inglesa e dos estranhos fatos que ali se passavam. Morava o vigilante numa casinha perto do túnel que estava sob sua guarda. Ele a descobriu certa ocasião quando dava algumas voltas, fazendo horas, para passar o dia mais rápido naquele lugarejo distante do bulício da cidade. Dessa ocasião em diante, procurava-o e entretinham interessantes palestras. Notara que o homem tinha algo de exquisito. Ficava, mesmo, intrigado, quando o vigilante lhe contara que, de dentro de sua casinha, uma ou outra vez, ouvia a campainha do túnel, que era tocada sem a interferência mecânica da rede, que lá não havia ninguém, e era só ele quem ouvia. E o mais estranho era quando ia atender. Nessas ocasiões, via um fantasma com o rosto coberto com uma das mãos e, com a outra, fazia sinais, seguidos da frase: "Pelo amor de Deus! Saia do caminho!" — Tais mensagens agoniavam o guarda porque eram prenúncio de graves acidentes, de muitos dos quais já tinha exemplos. O que lhe contara o guarda o deixara pensativo. Não podia compreender semelhante história. Aconteceu que certa manhã, ainda que não estivesse bem claro o dia, se dirigira à casa do guarda. Quando já passada a cerca de arame, viu de cima do barranco, na direção do túnel, ELE VIU, a figura do fantasma, cobrindo o rosto com o braço e, com a outra mão, a fazer sinais parecendo dizer algo. Então entre surpresa e desconfiado, desceu até a linha, encontrando junto ao túnel diversas pessoas e, estendido no chão, o guarda, pois fôra colhido pela locomotiva. Termina o conto afirmando que jamais conseguira decifrar o mistério.

O campo da metafísica na literatura, está separado do simples engenho imaginativo do romantismo, oferece algo a ser indagado, ainda que pareça fantasia aquilo que produz a pena de um bom escritor.